

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS ARARANGUÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIAS E SAÚDE (CTS)
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

Arthur Henrique Gonçalves da Silva

A infodemia do discurso de ódio e das *fake news*: estudo de caso no *Twitter*

Araranguá

2022

Arthur Henrique Gonçalves da Silva

A infodemia do discurso de ódio e das fake news: estudo de caso no Twitter

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação do Centro de Tecnologias, Ciências e Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Tecnologias da Informação e Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Cristina Trierweiler

Araranguá

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Arthur Henrique Gonçalves da

A infodemia do discurso de ódio e das fake news : estudo de caso no Twitter / Arthur Henrique Gonçalves da Silva ; orientador, Andréa Cristina Trierweiller, 2022.

53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá,
Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação,
Araranguá, 2022.

Inclui referências.

1. Tecnologias da Informação e Comunicação. 2. Fake news. 3. Discurso de ódio. 4. Infodemia. 5. Twitter. I. Trierweiller, Andréa Cristina. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação. III. Título.

Arthur Henrique Gonçalves da Silva

A infodemia do discurso de ódio e das fake news: estudo de caso no Twitter

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Tecnologias da Informação e Comunicação” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação

Araranguá, 23 de março de 2022.

Prof. Vilson Gruber, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Profª. Andréa Cristina Trierweiller, Dra
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Yuri Borba Vefago, Me
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Paulo Cesar Leite Esteves, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus colegas de classe e aos meus queridos pais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Neire e Alexandre, que sempre me apoiaram e fizeram de tudo ao seu alcance para me proporcionar a melhor educação possível.

Quero agradecer também a todos os colegas que estiverem ao meu lado durante o período da graduação e que compartilharam comigo momentos de estudo, diversão, descontração e afins. Vocês fizeram parte de uma etapa da minha vida e estarão para sempre em minha memória.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pela oportunidade de obter uma formação gratuita com ensino de qualidade e aos professores que tive contato, pelos conhecimentos repassados a mim.

Uma saudação em especial, à prof.^a Andréa Cristina Trierweiller, minha orientadora, por toda a dedicação, auxílio e abdicção de seu tempo para a conclusão deste trabalho.

A banca examinadora Dr. Prof. Paulo Cesar Leite Esteves e Me. Prof. Yuri Borba Vefago, que aceitaram o convite e puderam, assim, puderam contribuir com este trabalho.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram com a minha formação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a propagação do discurso de ódio e das fake news no Twitter durante a pandemia da COVID-19. Para tanto, utilizou-se de dados secundários com o levantamento de literatura sobre os temas-chave, em busca de definições, classificações e assuntos relacionados às fake news e o discurso de ódio. Como procedimentos metodológicos, esta pesquisa apresenta caráter exploratório e descritivo. Na sequência, buscou-se casos de fake news e discurso de ódio que circularam no Twitter durante o período pandêmico. Dentre os resultados, verificou-se que os comentários e/ou publicações estão estritamente ligados à ideologia política, ademais, percebe-se que muitos usuários se sentem impunes quando navegam pelas redes sociais. Além disso, nota-se que o discurso de ódio e as fake news contribuíram de forma ativa no grande volume de informações que circulam na internet, causando assim o fenômeno da infodemia. Como sugestão para trabalhos futuros, verifica-se a possibilidade da realização de um estudo sobre o discurso de ódio e as fake news durante a pandemia da COVID-19, não somente em um rede social específica, mas também, as consequências que tais fenômenos trouxeram para a sociedade neste período.

Palavras-chave: Infodemia. *Fake News*. Discurso de ódio. Pandemia. COVID-19. *Twitter*.

ABSTRACT

This work aims to analyze the spread of hate speech and fake news on Twitter during the COVID-19 pandemic. For that, secondary data was used with the survey of literature on the key themes, in search of definitions, classifications and subjects related to fake news and hate speech. As methodological procedures, this research has an exploratory and descriptive character. Subsequently, cases of fake news and hate speech that circulated on Twitter during the pandemic period were sought. Among the results, it was found that the comments and/or publications are strictly linked to political ideology, in addition, it is noticed that many users feel unpunished when browsing social networks. In addition, it is noted that hate speech and fake news actively contributed to the large volume of information circulating on the internet, thus causing the infodemic phenomenon. Finally, as a suggestion for future work, it is possible to carry out a study on hate speech and fake news during the COVID-19 pandemic, not only in a specific social network, but also the consequences that such phenomena brought to society in this period.

Keywords: Infodemic. Fake news. Hate speech. Pandemic. COVID-19. Twitter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema com a exemplificação da desordem informacional	25
Figura 2 – Fluxograma sobre o delineamento de pesquisa.....	30
Figura 3 – Postagem do usuário @Peddrogg	32
Figura 4 – Postagem do usuário @Jess_evann.....	32
Figura 5 – Postagem do jornal Estadão	33
Figura 6 – Postagem do Jornal Estadão.....	34
Figura 7 – Postagem do portal G1	37
Figura 8 – Comentário do usuário @AnaM_Patriota na postagem do @g1.....	37
Figura 9 – Comentário do usuário @ramon_eller na postagem do @g1	38
Figura 10 – Comentário do usuário @MarcosHRolim na postagem do @g1.....	38
Figura 11 – Comentário do usuário @Alinesant_anna na postagem do @g1.....	38
Figura 12 – Postagem do portal G1	39
Figura 13 – Comentário do usuário @SandraR618283 na postagem do @g1	40
Figura 14 – Comentário do usuário @NonaConta_ na postagem do @g1	40
Figura 15 – Comentário do usuário @camargojocelyn na postagem do @g1	40
Figura 16 – Postagem do usuário @MichelC79610546.....	41
Figura 17 – Postagem do usuário @BastosJusmari.....	42
Figura 18 – Postagem do usuário @WanmingYang	43
Figura 19 – Comentário do usuário @BeatrizCamposBH na postagem de @WanmingYang	43
Figura 20 – Comentário do usuário @SaraLaurian na postagem de @WanmingYang.....	43
Figura 21 – Comentário do usuário @Oilensns na postagem de @WanmingYang	44
Figura 22 – Postagem do Jornal Folha de São Paulo	45
Figura 23 - Comentário do usuário @AugustoCezza na postagem da @Folha.....	45
Figura 24 - Comentário do usuário @QuantaOpressao na postagem da @Folha.....	46
Figura 25 - Comentário do usuário @jeffvaqueiroofc na postagem da @Folha.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

WHO – World Health Organization

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVOS	12
1.1.1	Objetivo geral.....	12
1.1.2	Objetivos específicos.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1	A PANDEMIA DA COVID-19 GERANDO INFODEMIA	14
2.2	TWITTER.....	15
2.3	FAKE NEWS	17
2.4	DISCURSO DE ÓDIO	21
2.6	TIPOS DE INFORMAÇÃO	24
2.7	<i>TROLLS, FAKERS, HATERS e BULLIES</i>	25
3	METODOLOGIA.....	29
3.1	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	29
3.2	PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	31
4	RESULTADOS	32
4.1	CASOS DE <i>MIS-INFORMATION</i>	32
4.2	CASOS DE <i>DIS-INFORMATION</i>	35
4.3	CASOS DE <i>MAL-INFORMATION</i>	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, a comunicação tem sido a chave para a evolução humana. Graças a ela foi possível trocar informações, conviver em sociedade e obter recursos fundamentais para a sobrevivência.

A comunicação passou por várias transformações até a forma como é conhecida hoje. Por conta das inúmeras evoluções tecnológicas, é possível se inteirar sobre qualquer assunto, dar uma opinião ou conversar com alguém a todo momento, e em qualquer lugar.

Devido às facilidades que a internet traz, muitas pessoas se aproveitam para disseminar conteúdos de má índole, como o discurso de ódio e a propagação das *fake news*. Isso tornou-se ainda mais evidente no ano de 2020, marcado pela pandemia do Coronavírus, que teve uma quantidade excessiva de informações falsas e ofensivas compartilhadas nas redes sociais.

O *Twitter*, a rede social abordada neste trabalho, é a plataforma onde é possível enxergar tais comportamentos recorrentemente. Devido ao seu alcance, as notícias viralizam rapidamente, o que a torna um lugar ideal para aqueles que querem espalhar conteúdos maliciosos.

Dito isso, compreende-se a importância de entender e discutir sobre como as *fake news* e o discurso de ódio se espalharam pelo *Twitter* no período pandêmico, além de expor o contexto que se inseriram e quais foram as suas influências sobre a população, principalmente no Brasil – um dos epicentros da pandemia.

1.1 OBJETIVOS

Nas seções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos deste TCC.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a propagação do discurso de ódio e das *fake news* no *Twitter* durante a pandemia da COVID-19.

1.1.2 Objetivos específicos

- Levantar literatura sobre discurso de ódio e *fake news* nas redes sociais, especificamente o *Twitter*, e temas correlatos;
- Analisar os Termos de Uso do *Twitter*;

- Analisar exemplos de publicações que retratam a prática do discurso de ódio e das *fake news* no *Twitter*;
- Traçar sugestões para trabalhos futuros;

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção tem como objetivo apresentar o embasamento teórico deste trabalho de conclusão de curso. Para isso, foram definidos alguns temas, como: discurso de ódio, *fake news*, infodemia, quais são os tipos de informação que circulam pela internet, além do perfil de usuários que contribui com a disseminação de ofensas e notícias falsas.

2.1 A PANDEMIA DA COVID-19 GERANDO INFODEMIA

A sociedade enfrentou uma grave crise sanitária nos últimos dois anos, tendo afetado diversos meios sociais: a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, comumente intitulado também como novo Coronavírus, o qual provoca a Síndrome Respiratória Aguda Grave, que desencadeia uma doença que ataca o sistema respiratório.

Devido à alta taxa de transmissão, que pode acontecer pela proximidade com alguém infectado ou com o contato de superfícies contaminadas, além um quadro clínico que pode ser fatal, o Coronavírus foi classificado como uma ameaça global pela *World Health Organization* – *WHO*, em português, Organização Mundial da Saúde – OMS, em março de 2020, quando ganhou o status de pandemia. Vale ressaltar que o termo “pandemia” se refere a distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade (OPAS, 2020).

Após a declaração da OMS, os países começaram a adotar as medidas de prevenção do vírus. A maioria dos chefes de estado preferiu adotar o modelo de distanciamento social, por meio do bloqueio de suas fronteiras e restringindo a própria circulação dos moradores. Dessa forma, apenas os serviços considerados essenciais, como supermercados, padarias, farmácias, entre outros, permaneciam abertos.

Seguindo essa rotina de prevenção, o mundo teve que se adaptar à nova realidade de distanciamento social. Como consequência desse isolamento, as pessoas passaram a exercer suas atividades profissionais e educacionais pela internet.

No Brasil, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso em 26 de fevereiro de 2020. O primeiro óbito ocasionado pelo vírus ocorreu em 12 de março de 2020, segundo este órgão (G1, 2020). Devido à grande circulação de pessoas em regiões populosas, como a cidade de São Paulo, aliada à alta taxa de transmissão do vírus, as projeções eram incrivelmente elevadas. No entanto, um dos maiores agravantes enfrentados pela população brasileira foi o debate no que diz respeito à real ameaça do vírus e as opiniões dos chefes de Estado, que questionavam a veracidade da ciência.

O novo Coronavírus começou a se propagar em Wuhan, China, no final do ano de 2019, e atualmente conta com mais de 463 milhões de casos confirmados e mais 6 milhões de vítimas pelo mundo (THE NEW YORK TIMES, 2022).

Aliado ao próprio vírus, outro grande problema enfrentado foi a multiplicação de informações, que destoam da realidade nos espaços que deveriam promover conteúdos confiáveis, ainda mais em tempos de pandemia, resultando em um “tsunami de informações”, o que agravou a situação de contágio do Coronavírus.

Neste contexto, surgiu o termo “infodemia”, que segundo o folheto informativo divulgado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) trata-se de: “[...] um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020, p. 2).

Complementando essa ideia, a OPAS (2020, p.2, *apud* ZAROCOSTAS, 2020, p. 676) acrescenta que:

A palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus.

Esse aumento exponencial de geração de informações, além da quantidade de meios possíveis de obtê-las, apenas favorece a desinformação, que devido ao seu conteúdo chamativo e simplista é facilmente aceito pela população. Dessa forma, tem-se uma situação da qual milhares de notícias são produzidas e disseminadas pelo mundo afetando assim, bilhões de pessoas, e a questão a ser levantada é: “Quantas dessas informações são verdadeiras?”.

Analisando dessa perspectiva, o folheto informativo da OPAS, destaca que: “a desinformação se expande no mesmo ritmo que a produção de conteúdo, e as vias de distribuição se multiplicam. Assim, a própria infodemia acelera e perpetua a desinformação” (OPAS, 2020, p. 3).

Diante desse contexto, reforça-se a importância do desenvolvimento deste TCC, que tem como objetivo: analisar a propagação do discurso de ódio e das *fake news* no *Twitter* durante a pandemia da COVID-19.

2.2 TWITTER

Fundado em 2006, em pouco tempo o *Twitter* se tornou uma das principais redes sociais. Tendo um pouco mais de 200 milhões de usuários ativos, a plataforma é utilizada para identificar quais são as tendências e os tópicos mais discutidos do momento. A própria rede social se define como: “O Twitter é o lugar certo para saber mais sobre o que está acontecendo e sobre o que as pessoas estão falando agora” (TWITTER, s/d). Em tempos de pandemia, tal reputação foi notória, pois segundo o supracitado folheto informativo da OPAS: “No mês de março, cerca de 550 milhões de tuítes continham os termos **coronavirus**, **corona vírus**, **covid19**, **covid-19**, **covid_19** ou **pandemic** [pandemia]” (OPAS, 2020, p. 2).

Assim como qualquer outra plataforma que envolva a interação entre pessoas, o *Twitter* possui suas próprias regras para assegurar que seu ambiente seja o mais saudável possível para a sua comunidade. Sendo assim, seus Termos de Serviço se dividem em:

1 – Quem pode utilizar os Serviços: Essa seção afirma que caso o usuário esteja de acordo com as regras pré-estabelecidas pelo *Twitter* e seja uma pessoa que possa receber serviços sob as leis da jurisdição aplicável, ele está apto a usar a plataforma. De qualquer forma, é necessário ter no mínimo 13 anos de idade para usufruir dos Serviços. Além disso, caso o usuário esteja aceitando os Termos para representar uma entidade legal, como organização, empresa, governo e afins, deve declarar que está autorizado a vincular à conta do *Twitter* à tais instituições (TWITTER, s/d);

2 – Privacidade: Descreve como a plataforma gerencia os dados do usuário, e que ao aceitar a utilização dos Serviços, concorda com a coleta e uso das informações fornecidas para fins de processamento, armazenamento e utilização destas pelo próprio *Twitter* e afiliadas (TWITTER, s/d);

3 – Conteúdo nos Serviços: O usuário é responsável pelo uso dos Serviços e por qualquer conteúdo que queira compartilhar com outras pessoas. O *Twitter* não assume a reponsabilidade pelo tipo de conteúdo que o usuário consome na plataforma, e por isso não apoia, aprova, declara, tampouco garante a integridade das informações publicadas pelos Serviços. Dessa forma, o usuário deve compreender que ao utilizar a plataforma, pode acabar se deparando com publicações ofensivas, inadequadas e até mesmo fraudulentas. Como todo conteúdo fica a encargo do usuário que o cria, o *Twitter* não assume a responsabilidade pelo que está sendo produzido (TWITTER, s/d).

Apesar disso, a plataforma se reserva ao direito de remover qualquer publicação que viole os Termos pré-estabelecidos, como por exemplo: falsidade ideológica, violação de direitos autorais, assédios, condutas ilegais e afins (TWITTER, s/d);

4 – Utilização dos Serviços: Os Serviços disponibilizados evoluem constantemente, dessa forma, podem ser alterados de tempos em tempos a critério do próprio *Twitter*. Devido a isto, o usuário deve estar sempre atento às mudanças quanto à utilização dos Serviços e como isso pode afetá-lo.

Levando em consideração o acordo para a utilização da plataforma, o usuário entende que o *Twitter* e seus parceiros podem colocar anúncios nos Serviços. Além disso, ao aceitar os Termos o usuário concorda em não fazer uso indevido dos Serviços. A plataforma também se reserva ao direito de ler, acessar, preservar e divulgar quais informações que sejam necessárias para cumprir com solicitações governamentais perante qualquer lei, investigações de possíveis violações de acordo, detectar fraudes, dentre outros (TWITTER, s/d);

5 – Limitações de Responsabilidade: Esta seção afirma que o usuário concorda que o acesso aos Serviços ou a qualquer conteúdo é por sua conta e risco, e que a plataforma não se responsabiliza por determinadas ações (TWITTER, s/d);

6 – Geral: O *Twitter* pode revisar esses Termos, de tempos em tempos. As novas versões não serão retroativas e poderão ser consultadas pelo site oficial da plataforma. O usuário sempre será notificado com antecedência quanto à futuras modificações dos Termos, e caso continue a acessar ou utilizar os Serviços após a data da atualização, será entendido que o usuário aceita e concorda com a nova versão dos Termos (TWITTER, s/d);

No contexto da pandemia, o *Twitter* se viu obrigado a pensar em novas formas para frear a quantidade de desinformações que estavam em constante crescimento na plataforma. Sendo assim, uma alternativa foi desenvolver uma ferramenta para denunciar publicações que contenham desinformação. Tal mecanismo começou a ser testado em agosto de 2021 nos Estados Unidos, Austrália e Coreia do Sul, e mais recentemente, em 17 de janeiro de 2022, Brasil, Espanha e Filipinas também ganharam acesso a esse recurso (TWITTER, 2022).

Com essa nova ferramenta o *Twitter* espera entender que, se essa opção de denúncia pelos próprios usuários pode trazer melhorias, no âmbito de agilidade e abrangência, aos esforços da própria plataforma para identificar potenciais desinformações (TWITTER, 2022).

Diante disso, tendo sido apresentado o *Twitter*, que é um meio de propagação de notícias, sejam elas verdadeiras ou *fake*, cabe detalhar a multiplicação das *fake news* possibilitada pelo uso de redes sociais.

2.3 FAKE NEWS

A ascensão da internet e das mídias sociais provocou um grande otimismo nos entusiastas da tecnologia. A princípio, a ideia era usar tal ferramenta como uma aliada para gerar mais conhecimento, acesso à informação e liberdade de expressão. Todavia, bastam poucos cliques para perceber que muitos usuários utilizam a internet para espalhar desinformação.

O termo “*fake news*” ganhou popularidade nas eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016, na qual Donald Trump se tornou presidente (MUNDO EDUCAÇÃO, 2020). A palavra é usada para se referir às falsas informações divulgadas, que se espalham entre a população como se fossem verdade. Normalmente, as *fake news* são compartilhadas nas redes sociais e, por isso, têm o grande poder de se espalhar rapidamente. Devido ao seu conteúdo simplista e que é facilmente aceito e absorvido, ela torna-se muito popular. Isto é, não exige que pesquisas sejam feitas para verificar a procedência da informação, pois atende aos valores e/ou crenças do indivíduo, assim um número significativo de pessoas é afetado pelas *fake news* (MARQUES e RAIMUNDO, 2021).

Conforme Marques e Raimundo (2021, p. 70):

[...] o conhecimento se torna palatável ao gosto popular que recebe as fake News e que não encontra necessidade de questionar(checar) a validade do que recebe; isso porque encontra legitimidade na “fácil racionalidade” própria desta informação e, principalmente, por atender a expectativa de sua cosmovisão. O processo de identificação do sujeito com a informação que recebe positiva as suas reflexões e legitima a sua ação de replicar o que recebeu – sem se aperceber que está distribuindo informações falsas.

Engana-se quem considera, que o conceito desse conteúdo falso, seja algo criado pelo mundo globalizado. Primeiro, é preciso ter em mente que sempre houve, evidentemente, *fake news* (FRIAS FILHO, 2018).

A concepção de que as *fake news* não é algo novo fica evidente no livro intitulado: *Fake News de la antigua Roma. Engaños, propaganda y mentiras de hace 2000 años*, em português, “Fake News da Roma antiga. Enganos, propaganda e mentiras de 2000 anos atrás”, escrito pelo arqueólogo espanhol Néstor F. Marqués, em que o autor compilou algumas das falsas histórias, que circulavam no Império Romano e sobreviveram ao passar do tempo (VALENTE, 2019).

Sendo assim, é possível afirmar que a evolução da internet apenas permitiu que as *fake news* se propagassem com mais facilidade. Segundo Frias Filho (2018, p. 42): “Pode-se argumentar, e com razão, que a novidade não está nas fake news em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e velocidade inauditas.”

As *fake news* são espalhadas com a intenção de beneficiar um restrito grupo de pessoas e, geralmente, transmitem um conteúdo com viés político. Elas buscam influenciar e/ou enganar a população, prejudicar a imagem de pessoas ou instituições e semear ideologias que favoreçam seu autor (BRANDÃO e col., 2020).

Especialmente, durante o período pandêmico, as *fake news*, em sua maioria, tinham o objetivo de questionar o valor científico das formas de prevenção e, posteriormente, os efeitos das vacinas para a imunização da COVID-19. Esse movimento denominado “negacionismo científico” baseia-se fortemente na liberdade de expressão, onde o indivíduo é livre para manifestar a sua forma de pensar, defendendo a ideia de que a opinião de todos têm o mesmo valor, mesmo que tais crenças sejam facilmente desmentidas com fatos científicos.

Conforme Rathsam (2021) *apud* Napolitano (s/d):

O negacionismo vai além de um boato ou *fake news* pontual. É um sistema de crenças que, sistematicamente, nega o conhecimento objetivo, a crítica pertinente, as evidências empíricas, o argumento lógico, as premissas de um debate público racional, e tem uma rede organizada de desinformação.

Assim, como ocorre com as *fake news*, o negacionismo científico é um movimento antigo. Uma evidência histórica a respeito do discurso negacionista ocorreu com o cientista Galileu Galilei, que foi forçado a descartar suas próprias ideias científicas por causa da doutrinação e poder exercido pela Igreja Católica na época.

Sendo assim, por conta de todo esse conectivismo atual, as *fake news* aumentaram a circulação do discurso negacionista exponencialmente. Para garantir que boatos e teorias da conspiração atinjam todas as camadas da sociedade, os autores destes atos costumam utilizar “*bots*” e “*clickbaits*” para espalhar tais informações infundadas.

Os “*bots*” são ferramentas bem conhecidas dos usuários da internet. Em sua essência, eles são programas autônomos que desempenham algum tipo de função pré-definida (GARRETT, 2018). Com a própria evolução da internet, os *bots* naturalmente foram inseridos no ambiente virtual, e atualmente é possível encontrá-los com facilidade, assim como os *chatbots*, por exemplo.

No contexto das redes sociais, os *bots*, segundo Itagiba (s/d, p.3): “[...] são sistemas autônomos criados para replicar ações básicas, como seguir pessoas, postar e direcionar mensagens, inserir links ou hashtags. Eles muitas vezes servem para multiplicar as informações distribuídas na rede, passando-se por contas de pessoas reais”. Dessa forma, essa tecnologia ganhou mais ênfase com as redes sociais, sendo possível espalhar massivamente informações falsas e influenciar a opinião das pessoas.

Em contrapartida, “*clickbait*”, é um termo adotado para se referenciar a uma estratégia que propaga intensamente um conteúdo sensacionalista com intuito de gerar mais cliques em determinado link (ROCKCONTENT, 2018). Comumente também intitulado como “caça-cliques”, esse método tem a função de atrair a atenção do usuário usando um título provocativo, e assim, quanto mais curiosidade esse conteúdo despertar, um maior número de pessoas irá acessá-lo e, conseqüentemente, mais receita será gerada através dos cliques.

Dessa maneira, os *clickbaits* fornecem um enorme potencial de visibilidade e multiplicação de conteúdo negacionista e *fake news*, o que acaba por gerar recursos econômicos para aqueles que almejam distorcer os fatos.

De acordo com Vieira (s/d, p. 54) pode-se entender *clickbaits* como:

[...] Estratégia de configuração estilística e narrativa de um conteúdo em mídias digitais com o objetivo de atrair a atenção do usuário para o clique em um link. Este tipo de conteúdo, que pode explorar o sensacionalismo, um conteúdo provocador, fofocas, escândalos, tragédias, fake news e até o sobrenatural, visa a propagabilidade (spreadability), sobretudo nas plataformas de redes sociais, para atingir mais pessoas e atender às expectativas de um modelo de negócio baseado na publicidade digital.

Quando ambas as ferramentas, *bots* e *clickbaits*, são colocadas em prática, podem disseminar massivamente as *fake news*, que ganha popularidade devido ao seu conteúdo sensacionalista e beneficia a conservação de uma ideologia que sustenta um poder.

Segundo Marques e Raimundo (2021, p. 70):

Cabe ressaltar que as fake news são produzidas e disseminadas em larga escala com o propósito de manutenção de uma ideologia que sustenta um poder – com hábito de mentir, de enganar, de distorcer ou esconder a verdade. Essa produção de falsidades tem como meta ser apreendida como notícia verdadeiramente produzida a partir de alguma ciência. Assim, as fakes news são parte de uma estratégia de subversão de discursos científicos e midiáticos que se propagam como notícias veladas e verdadeiras em determinado meio de difusão.

Analisando o contexto das *fake news* durante a pandemia da COVID-19 no cenário brasileiro, os principais conteúdos eram relacionados a real ameaça do novo Coronavírus e, subsequentemente, a forma de tratamento do vírus. A maioria dessas informações era espalhada pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, que desde início foi negligente às formas de combate ao vírus, sendo estas estabelecidas pela própria OMS, e semeou diversas teorias da conspiração durante o período pandêmico.

Desde o começo da pandemia, o então presidente promoveu aglomerações e registrou tais atos no *Twitter*. A plataforma, por sua vez, apagou as publicações de Jair Bolsonaro, pois violavam as regras da rede. Segundo o próprio *Twitter*, o conteúdo do presidente foi apagado porque ia contra as novas diretrizes da rede social, que têm o objetivo de combater conteúdos adversos às orientações de saúde e possa colocar as pessoas em maior risco de contrair a

COVID-19 (G1, 2020). O caso ocorreu em 29 de março de 2020 e foi noticiado pela grande mídia brasileira. Após o *Twitter*, as plataformas *Facebook* e *Instagram* seguiram o mesmo exemplo.

Durante o período pandêmico, por diversas vezes o presidente se posicionou contra o isolamento social e menosprezou o vírus, tanto em redes sociais quanto em pronunciamentos oficiais, alegando que se tratava apenas de uma “gripezinha”. Além disso, defendeu a automedicação com o uso de cloroquina e hidroxicloroquina, medicamentos que inúmeras vezes foram comprovados, através de estudos e pesquisas científicas, como sendo ineficazes para o tratamento da COVID-19 (G1, 2021).

Mesmo com a OMS tendo estabelecido medidas sanitárias para diminuir a contaminação, as diversas *fake news* que circularam no país nos últimos dois anos fez uma parte da população abster-se de procurar por seguras fontes de informação, o que eventualmente inflamou uma onda negacionista que afetou o país.

Para Marques e Raimundo (2021, p. 69):

Nota-se que o desenvolvimento do negacionismo científico não é espontâneo, senão parte de uma contradição sistemática que serve a algum tipo de manutenção de poder. No contexto da pandemia, o negacionismo científico foi conduzido principalmente por líderes políticos e religiosos que minimizam a gravidade da doença, não seguem os protocolos de segurança reconhecidos internacionalmente, compartilham sistematicamente desinformações, incentivam aglomerações, receitam o uso de medicação sem nenhuma comprovação científica fortalecendo o hábito de automedicação [...].

Um recente episódio de *fake news* envolvendo o presidente Jair Messias Bolsonaro, foi onde o atual chefe de Estado comentou em *live* semanal, realizada em 21 de outubro de 2021, na rede social *Facebook*, que as pessoas totalmente vacinadas contra a COVID-19 estariam desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) (G1, 2021).

Tal boato afirmava que relatórios do governo do Reino Unido apontavam que os vacinados contra a COVID-19 estariam desenvolvendo AIDS, entretanto, pouco tempo depois, foi confirmado pelas próprias autoridades britânicas que a notícia foi compartilhada por um site conhecido por propagar *fake news* e inventar teorias da conspiração, e que, portanto, a informação não seria verdadeira (G1, 2021).

Sendo assim, tendo estabelecido o que são as *fake news*, como se propagam e as razões por que as pessoas acreditam nelas, cabe evidenciar e detalhar como o discurso de ódio se tornou corriqueiro nas redes sociais.

2.4 DISCURSO DE ÓDIO

A proliferação de *fake news* e o grande apelo popular das pessoas que compartilham das mesmas crenças deste conteúdo malicioso, pode despertar um terceiro elemento: o discurso ódio.

Diferentemente das *fake news*, o discurso de ódio não busca discutir ou apresentar fatos e/ou dados ao mundo, por mais ilógico que sejam, seu intuito é apenas ocasionar situações agressivas e constrangedoras sobre determinado grupo de pessoas (MARQUES e RAIMUNDO, 2021).

É importante salientar que nem toda manifestação de ódio está relacionada à alguma *fake news*, contudo, a maioria das falsas informações que circularam no *Twitter*, e nas redes sociais como um todo durante a pandemia, apresentavam tais distorções.

O discurso de ódio pode ser classificado como uma fala, pensamento, ou comportamento social, que acima de tudo, busca incitar a violência contra o próximo. Sua reprodução pode ser escrita ou exposta através da fala, e a intenção do propagador do discurso de ódio é inferiorizar determinada pessoa ou grupo por conta de sua cor, etnia, religião, sexualidade, classe social, deficiência ou nacionalidade (INFOESCOLA, s/d).

Apesar de ser evidente as manifestações que carregam ódio, seus propagadores defendem que sua maneira de pensar está alinhada com os fundamentos básicos da liberdade de expressão. No Brasil, o direito à liberdade de expressão está garantido no Art. nº 5 inciso IX da Constituição Federal de 1988, que manifesta: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.

No entanto, apesar de tal ato ser uma garantia constitucional, ela não é absoluta, pois também é necessário respeitar os outros direitos constitucionais, como por exemplo, o inciso XLI: “a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais”.

A liberdade de expressão é um princípio básico garantido pelo sistema democrático e, portanto, uma não existe sem a outra. No entanto, é comum enxergar no cotidiano, o discurso de ódio disfarçado como livre manifestação de ideias. De acordo Schäfer *et al.* (2015, p. 144): “Em uma democracia, no entanto, buscando-se o manto da proteção da própria liberdade de expressão, podem ocorrer manifestações de intolerância e discriminação contra grupos vulneráveis, como negros, indígenas, homossexuais, mulheres e minorias religiosas”.

Sendo assim, é evidente que existe uma enorme distinção sobre o que é discurso de ódio e liberdade de expressão. Em termos práticos, isso significa que é possível expressar livremente suas opiniões e/ou crenças desde que tais manifestações não propagem desrespeito e intolerância.

É importante destacar que o discurso de ódio sempre existiu, a evolução da tecnologia apenas permitiu que tais declarações se espalhassem mais rápido e afetasse um maior número de pessoas. Isso se deve pelo fato dos emissores terem a falsa impressão de que estão seguros atrás de uma tela e que não podem ser rastreados e, conseqüentemente, punidos pelos seus atos. Conforme Rocha (2010, p. 126): “A possibilidade de anonimato na internet é o elemento que encoraja as atitudes agressivas [...]”.

No contexto da pandemia, o discurso de ódio contribuiu como ressonância da desinformação a respeito da COVID-19. Em virtude das medidas preventivas instaladas pelos governos para evitar a circulação do vírus, houve uma significativa mudança na rotina da população, que começou a passar mais tempo nas plataformas digitais. Analisando dessa perspectiva, é fácil deduzir que o tráfego de atividades cujo conteúdo está relacionado a manifestações de discriminação, será maior.

Segundo uma reportagem publicada pelo site BBC News Brasil¹, um estudo realizado apontou que o discurso de ódio na internet aumentou 20% no Reino Unido e nos Estados Unidos durante o período pandêmico.

Além do discurso de ódio direcionado aos jornalistas e outros profissionais do meio da comunicação, que buscavam manter a população informada compartilhando informações relacionadas às medidas de prevenção, estas que eram ignoradas pelos negacionistas, viu-se pessoas de etnia chinesa sendo alvos de ataques xenofóbicos.

Em reportagem publicada em 27 de março de 2020, o portal Estado de Minas², abordou o assunto evidenciando dados de um estudo israelense onde afirmava que houve um aumento de 900% nas mensagens relacionadas a discurso de ódio na plataforma *Twitter* contra a China e os chineses em geral.

As pessoas passam cada vez mais tempo nas redes sociais e em aplicativos de mensagens e jogos, e os problemas endêmicos dessas plataformas, como o ódio, abuso, toxicidade e intimidação, acentuaram-se, assinala a empresa Light, com sede em Israel, em seu relatório [...]. Segundo o texto, muita gente usa hashtags racistas, como #Kungflu, #chinesevirus e #communistvirus quando tuíta sobre a pandemia. O tráfego em sites de ódio cresceu cerca de 200%, segundo o relatório, que aponta alguns veículos de comunicação como incentivadores deste tipo de reação contra os asiáticos.

Beçak *et al.* (2021, p. 684 apud FAN, YU, YIN, 2020) também destaca o discurso de ódio contra a população chinesa durante o período pandêmico e afirma que: “Em análise de

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59300051>

² https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/27/interna_internacional,1133245/discurso-de-odio-contr-china-cresce-de-forma-alaricante-no-twitter-por.shtml

tweets publicados ao longo de 2020 foi apontado que os termos “vírus chinês” e “vírus de Wuhan” aparecem como correlacionados à discursos discriminatórios”.

Analisando dessa forma, fica evidente que as mensagens com discursos intolerantes, direcionadas aos chineses, tinham a intenção de, alguma forma, culpá-los pela situação da qual o mundo atravessava.

Havendo apresentado o conceito intrínseco do discurso de ódio, bem como evidenciando as suas diferenças com a liberdade de expressão e posteriormente como tais manifestações de intolerância se tornaram presentes na pandemia, cabe discutir a seguir quais são os tipos de informação que circulam na internet.

2.6 TIPOS DE INFORMAÇÃO

O excesso de informações, que se espalhou durante o período pandêmico, causou uma grande sobrecarga aos usuários de redes sociais, fazendo com que o principal objetivo da informação, instruir e comunicar, fosse esquecido, tornando-a apenas acúmulo de notícia. Nessa perspectiva, Silva (2020, p. 151 apud DOURADO, 2019) afirma que: “É possível até mesmo questionar o próprio uso do termo “informação”, trocando-o por “conteúdo” de forma a explicitar mais tal ideia”.

Tal fluxo de informações, aliado à ausência de filtros, no que diz respeito ao conteúdo publicado, contribui com a “*information disorder*”, em português, “desordem informacional”, termo abordado por Claire Wardle e Hossein Derakhshan no relatório nomeado: “*INFORMATION DISORDER: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*”, realizado a pedido do Conselho Europeu, em 2017.

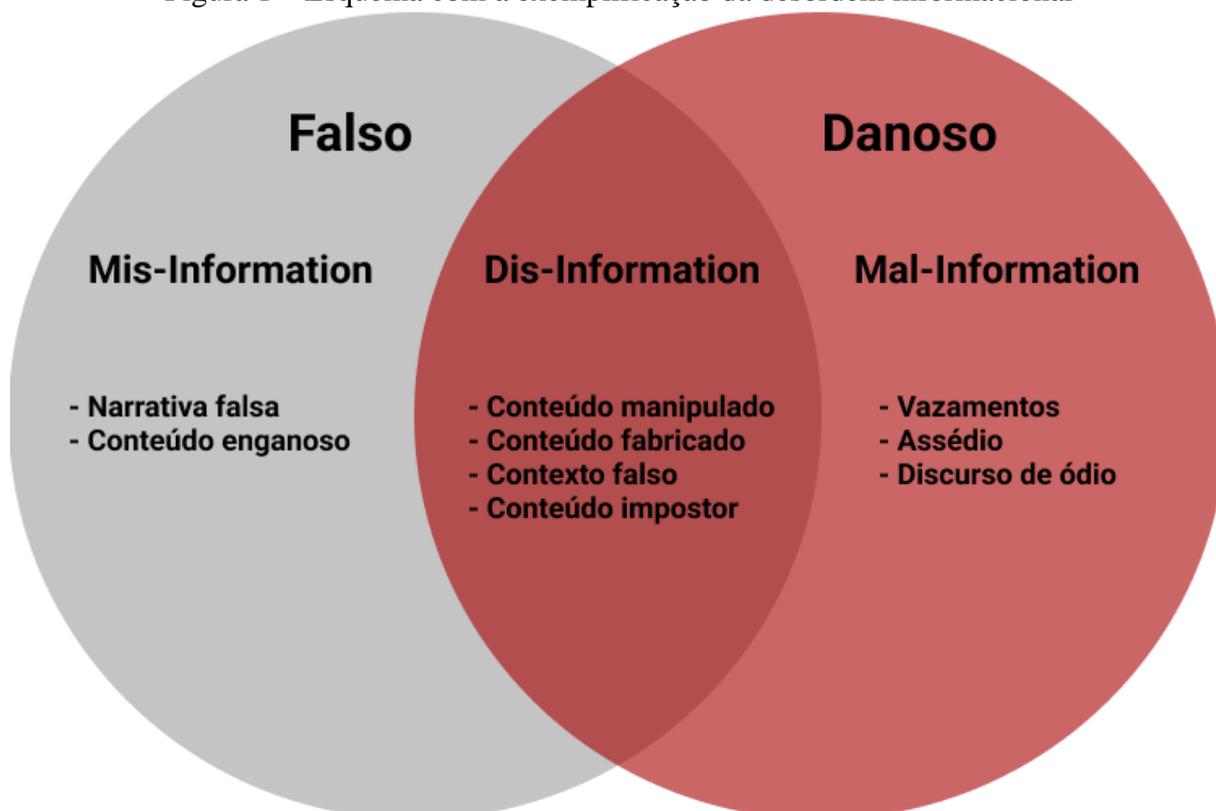
O nome “desordem informal” não se refere apenas a notícias delirantes cuja intenção seja espalhar algum tipo de ideologia, pois uma grande parte das notícias que circulam na internet podem causar danos não intencionais.

Um exemplo claro de desordem informacional foi notório nesta pandemia, em que muitos usuários, que mesmo tendo boas intenções, compartilharam supostos tratamentos que envolvem receitas caseiras para lidar com a COVID-19 (SILVA, 2020 apud LIMA *et al.*, 2020). Essas informações sem embasamento científico são caracterizadas como *fake news*; entretanto, encaixa-se precisamente na definição de desordem informacional apresentada por Claire Wardle e Hossein Derakhshan.

O conceito de desordem informacional abrange três categorias, sendo elas: *mis-information*, *dis-information* e *mal-information*; descritas da seguinte forma: *Mis-information*

refere-se à quando a informação falsa é compartilhada, mas sem a intenção de causar dano. *Dis-information* faz alusão à quando a informação falsa é compartilhada com o propósito de causar dano. *Mal-information* é quando a informação genuína é compartilhada para causar dano, ocorrendo muitas vezes quando a informação, que deveria se manter privada, vem a público (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017).

Figura 1 – Esquema com a exemplificação da desordem informacional



Fonte: Adaptado de Wardle e Derakhshan (2017, p. 20).

Dessa forma, observando a Figura 1 e compreendendo os conceitos estabelecidos por Wardle e Derakhshan (2017), é possível perceber que tanto os termos *fake news* quanto desordem informacional são fenômenos coexistentes, pois *fake news* enquadra-se na classificação de *dis-information* (SILVA, 2020).

Tendo apresentado os tipos de informações, que tornam o ambiente virtual propício à circulação de mentiras e notícias falsas no geral, convém evidenciar os tipos de usuários que contribuem com a proliferação dessas informações nas redes sociais.

2.7 TROLLS, FAKERS, HATERS e BULLIES

O amplo acesso proporcionado pela internet deu espaço para usuários tóxicos, que querem apenas causar discórdia e tumulto. Essa perturbação, por sua vez, é provocada por figuras denominadas como *trolls*, *fakers*, *haters* e *bullies*, que recebem tais títulos mais pela maneira como se comportam do que pela sua existência como indivíduos em si. Dentro de sua maneira de agir, é comum perceber condutas déspotas e desonestas, que vão desde a propagação de desinformação até temas mais graves, como violentos assédios (BOLESINA e GERVASONI, 2020).

Os *trolls* correspondem aos indivíduos que agem na internet provocando outros usuários até causar algum tipo de tumulto. Sua maneira de agir é gerando comoção nos membros da comunidade, por meio de mensagens que podem ser “simples” brincadeiras inofensivas até provações bem elaboradas, que causam irritação e indignação ao receptor (BOLESINA e GERVASONI, 2020).

Sendo assim, seu objetivo é causar intriga entre os usuários, e desse ponto de vista, conforme Bolesina e Gervasoni (2020, p. 45): “É fato que, independente da sua motivação, o *troll* busca agitar caoticamente o contexto, mas não a coisa em si, pois ele nada agrega”. Em 2015, a revista Galileu classificou os *trolls* como: “[...] predadores que atacam marinheiros e turistas ao sentir cheiro de sangue, os **trolls** usam as redes sociais para ofender, ameaçar e perseguir pessoas que pareçam vulneráveis. E as consequências podem ser tão fatais quanto um ataque de tubarão” (LOUREIRO, 2015).

É importante destacar que os *trolls* estão na internet desde sempre e podem ser facilmente encontrados na seção de comentários, em jogos online, blogs, fóruns e em redes sociais de fácil engajamento, a exemplo do *Twitter*. No entanto, mesmo antes da era digital, eles já estavam presentes de maneira *offline*, agitando e provocando em meios aos círculos sociais (BOLESINA e GERVASONI, 2020).

O termo *fakers* diz respeito às pessoas que agem maliciosamente na rede com a intenção de enganar os demais através de desinformações, identidades falsas e até mesmo golpes (BOLESINA e GERVASONI, 2020). A expressão *fakers* deriva da palavra em inglês *fake*, que em português tem o sentido de falso ou falsificação.

Sendo assim, os *fakers* estão sempre ligados à mentira, podendo ser ela atrelada a criação de um perfil falso nas redes sociais para a prática de crimes ou para a circulação de desinformação.

É importante dizer que, apesar de haver semelhanças, os *Fakers* e os *Trolls* são ligeiramente diferentes. Isso fica ainda mais evidente quando é analisada a forma como ambos

se comportam. Enquanto o primeiro age na definição mais autêntica de desonestidade, o segundo apenas se diverte com a irritação que provoca nos outros usuários.

Nessa análise de diferença entre ambos, Bolesina e Gervasoni (2020, p. 47) afirmam que:

Apesar de próximo em alguns sentidos, o Faker é diferente do Troll. O Troll quer especialmente tumultuar o cenário pela bagunça que intenta gerar; o faker age proposadamente de má-fé para prejudicar ou enganar. A malícia do troll reside na sua infantilidade e a do Faker na sua desonestidade.

O *hater*, por sua vez, tem como principal característica a agressividade. *Hater* pode ser traduzido para o português como “odiador” e seu comportamento está diretamente ligado a críticas excessivas, hostis e gratuitas. É possível pressupor que pessoas com tal maneira de agir existam desde os tempos mais remotos, porém com a internet ganharam espaço para manifestar seus pensamentos, dando assim a impressão de que se multiplicaram (BOLESINA e GERVASONI, 2020).

No âmbito da internet, o *hater* é facilmente encontrado na seção de comentários, porém não se limita apenas a ela, sendo que sua presença está relacionada a qualquer espaço onde possa manifestar-se. Partindo desse ponto de vista, o *hater* faz questão de expor a sua opinião repleta de críticas e violência, acreditando que suas declarações são indispensáveis para a comunidade, pois correspondem a “verdade absoluta” e que irá punir e/ou constranger aqueles que merecem (BOLESINA e GERVASONI, 2020).

Um exemplo adequado para evidenciar como os *haters* agem, foi o caso citado anteriormente, onde a China e o povo chinês em geral, sofreram declarações de ódio em virtude da COVID-19.

Por sua vez, o *bully* ou *bullies*, valentão ou valentões em português, é uma versão muito mais agressiva do *hater*, pois sua hostilidade é elevada a prática de atos violentos, intencionais e repetitivos, direcionados a uma única pessoa, que corresponde a alguém mais vulnerável na pirâmide de poder. Ao contrário do *hater*, que foca em compartilhar comentários repletos de ódio e críticas sem critério para diminuir e/ou desvalorizar seu alvo, o *bully* é mais ultrajante e parte para violências físicas, verbais, morais e psicológicas de forma contínua (BOLESINA e GERVASONI, 2020).

Para explicar o comportamento dos *bullies*, que caracteriza o *bullying*, Malta *et al.* (2009, p. 3066) reiteram que:

[...] compreende comportamentos com diversos níveis de violência que vão desde chateações inoportunas ou hostis até fatos francamente agressivos, em forma verbal ou não, intencionais e repetidos, sem motivação aparente [...] causando dor, angústia, exclusão, humilhação e discriminação.

Ainda sob essa perspectiva, Bandeira e Hutz (2012, p. 36 *apud* BERGER, 2007) sintetizam que: “Existem três elementos cruciais que caracterizam o bullying, aceitos por cientistas ao redor do mundo, que são a repetição, o prejuízo e a desigualdade de poder”.

Por conta da internet, o *bullying* atravessou as fronteiras que dividiam o mundo real e o virtual e tornou-se conhecido como *cyberbullying*. Este por ser entendido como uma extensão do primeiro, pois agora a barreira envolvendo a distância entre o agressor e a vítima foi superada mesmo não havendo nenhum tipo de contato físico.

A própria casa já não é mais um local seguro. E é a partir dessa premissa que aparecem casos como criação de perfis e páginas falsas para ataques envolvendo xingamentos, provocações, fofocas, exposição, perseguição, e em situações mais sérias, até ameaças de vazamentos de algum conteúdo íntimo. As consequências dessas ações são gravíssimas para as vítimas, podendo causar depressão e uma série de outros distúrbios comportamentais, e é exatamente por isso, que tal questão deve ser considerada como assunto de saúde pública (BOLESINA e GERVASONI, 2020).

Com isso, tendo um panorama acerca desses quatro tipos de comportamento, que são facilmente encontrados na internet, torna-se fácil perceber como estes contribuem para que as redes sociais sejam um ambiente tóxico. Além disso, é possível deduzir que grande parte das informações que estejam entre as categorias de *mis-information*, *dis-information* e *mal-information*, sejam fortemente alimentadas pelos *trolls*, *haters*, *fakers* e *bullies*.

Também é importante destacar que tais comportamentos geram inúmeros atos que são passíveis de condenação criminal, como por exemplo o abuso de direito previsto no Artigo 187 do Código Civil, que diz: “Também comete ato ilícito o titular de um direito que, ao exercê-lo, excede manifestamente os limites impostos pelo seu fim econômico ou social, pela boa-fé ou pelos bons costumes”.

Tendo sido abordado os temas propostos para este TCC neste capítulo de Fundamentação Teórica, cabe explicar detalhadamente a seguir a Metodologia empregada para o desenvolvimento deste trabalho no próximo capítulo.

3 METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar o delineamento da pesquisa para a realização deste TCC.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Para a produção deste trabalho, inicialmente, recorreu-se ao tipo de pesquisa de caráter exploratório, a fim de compreender de uma maneira mais abrangente a temática abordada, neste caso, a infodemia, as *fake news*, o discurso de ódio e temas correlatos.

De acordo com Gil (2002, p. 41), as pesquisas exploratórias: “[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.”

Este TCC também apresenta uma pesquisa descritiva, pois visa descrever as características de um determinado fenômeno e estabelecer relações entre certas variáveis, neste caso, a relação entre o discurso de ódio, as *fake news*, o surgimento da infodemia e como estes contribuíram para a desinformação no *Twitter*, durante o período pandêmico. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 52) a respeito das pesquisas descritivas: “[...] o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.”

Quanto à abordagem, esta é uma pesquisa de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa tem como objetivo o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e de suas relações, por meio da máxima valorização do contato direto com a situação estudada. Procura explicar a origem do fenômeno, suas relações e mudanças, tentando compreender as suas consequências (TRIVIÑOS, 1987). A abordagem qualitativa também está relacionada à pesquisa exploratória, que é realizada pelo pesquisador, na fase inicial do levantamento de literatura, pela necessidade de maior familiaridade com o fenômeno, de aproximação com o problema em estudo (GIL, 2010).

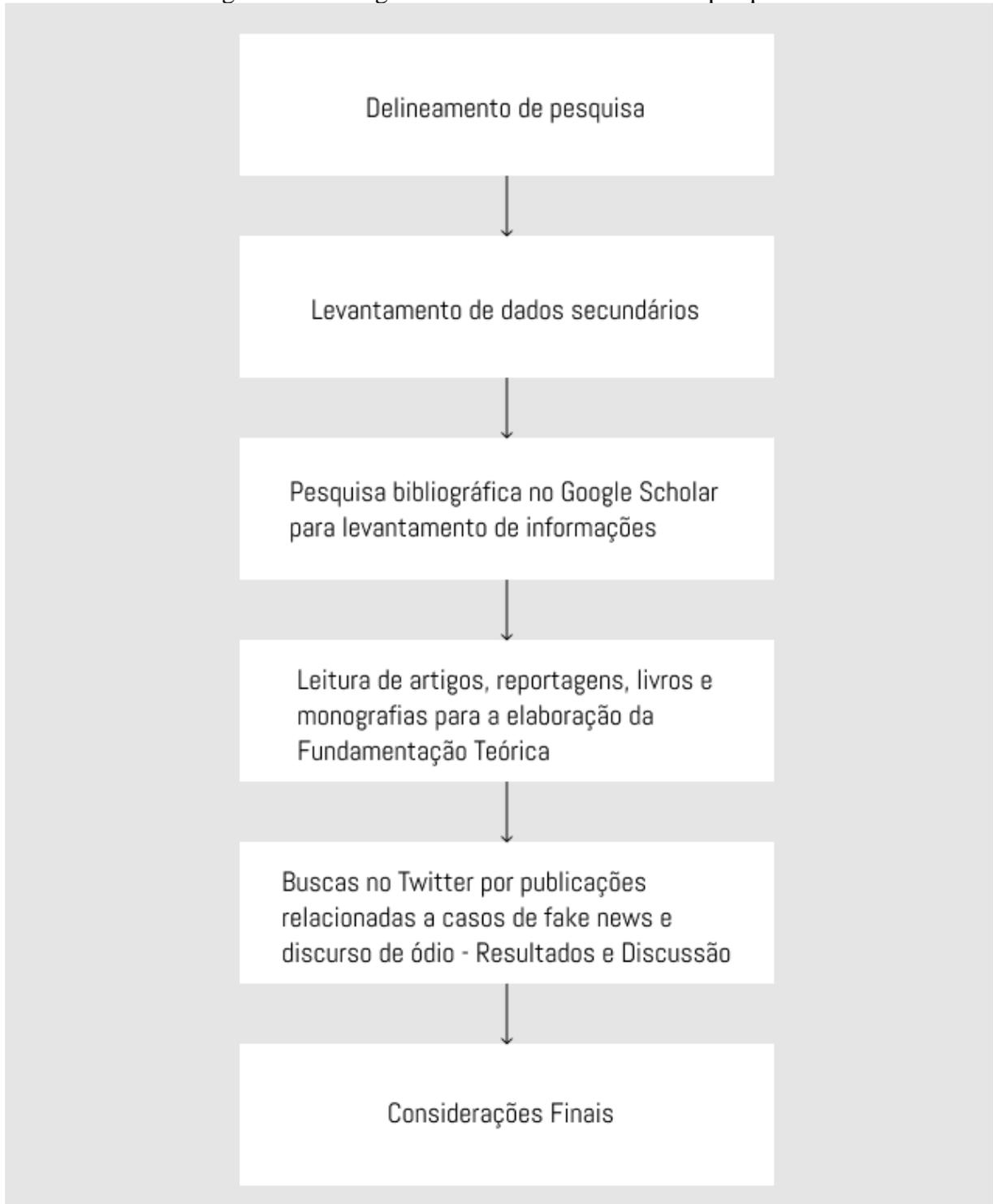
Com relação aos procedimentos técnicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, foram adotadas a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso. Esta é uma pesquisa bibliográfica, pois foram consultados livros, relatórios, reportagens, artigos de revistas científicas e, trata-se de um estudo de caso por analisar especificamente, as *fake news* e o discurso de ódio na plataforma *Twitter*.

Outra maneira de classificar esta pesquisa é através dos dados secundários. Estes por sua vez, correspondem a materiais que já existem e estão disponíveis para consulta de

definições e afins, mediante a pesquisa bibliográfica. Em resumo, trata-se de dados que foram elaborados por outros autores e estão documentados em livros, artigos, jornais e outras formas de registro (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Posto isto, a Figura 2 apresenta as etapas de pesquisa deste trabalho.

Figura 2 – Fluxograma sobre o delineamento de pesquisa



Fonte: Autor (2022)

3.2 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Inicialmente, durante a etapa de pesquisa bibliográfica, foi realizada uma busca no *Google Scholar*, com os termos "discurso de ódio" and "twitter" and "pandemia" and "fake news" and "infodemia", apresentando 48 artigos como resultado. Destes, foram selecionados somente aqueles que melhor se encaixavam na temática de *fake news* e discurso de ódio, envolvendo a plataforma *Twitter* durante a pandemia, além daqueles que também tratavam sobre o fenômeno da infodemia.

Em seguida, na Fundamentação Teórica, apresentou-se as definições e tipologias das principais temáticas abordadas neste trabalho.

Como o objetivo geral deste TCC é analisar a propagação do discurso de ódio e das fake news no *Twitter* durante a pandemia da COVID-19, utilizou-se a própria plataforma do *Twitter* para identificar publicações e comentários, característicos de *fake news* e discurso de ódio e assim, ter conteúdo para apresentar as discussões nos resultados da pesquisa.

Dessa forma, através da ferramenta de filtragem que a rede social disponibiliza, realizou-se buscas no que diz respeito à temática deste trabalho. Sendo assim, foram selecionadas publicações que se encaixavam nos conceitos de *fake news* e discurso de ódio. Além disso, foi estabelecida uma delimitação temporal mínima, sendo esta, março de 2020, mês em que a pandemia começou a apresentar impactos no Brasil, até novembro de 2021.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada no que concerne aos casos de *fake news*, discurso de ódio e afins na rede social *Twitter* durante o período pandêmico.

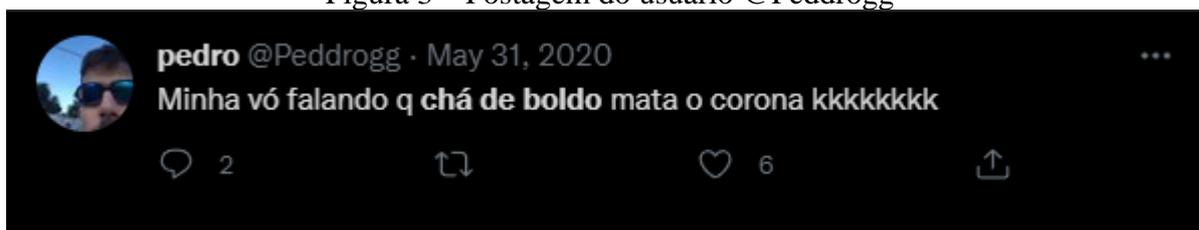
Para tal, será utilizado como base os conceitos retratados na Figura 1 do capítulo de Fundamentação Teórica. Dessa forma, será possível categorizar cada caso com mais clareza, bem como entender de uma maneira mais prática como a desinformação afeta as pessoas.

4.1 CASOS DE MIS-INFORMATION

No contexto da pandemia da COVID-19, principalmente no início, era corriqueiro encontrar notícias e pessoas afirmando que o uso de algumas receitas caseiras era o suficiente para curar os sintomas do vírus.

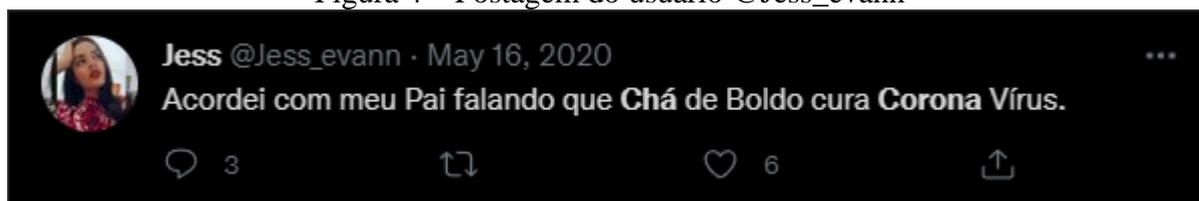
Como evidenciado pelas Figuras 3 e 4, relacionadas a *prints* (capturas de tela), são apresentadas notícias de receitas caseiras envolvendo ingredientes como boldo, que circularam pelo *Twitter* e pela internet como um todo, como uma forma milagrosa de curar os sintomas causados pelo Coronavírus. Apesar de muitos usuários considerarem cômica essa notícia, muitas pessoas acabam acreditando em tudo que veem na internet, propagando assim tais informações, sem ter necessariamente, a intenção de prejudicar terceiros.

Figura 3 – Postagem do usuário @Peddrogg



Fonte: Perfil do usuário no *Twitter*

Figura 4 – Postagem do usuário @Jess_evann



Fonte: Perfil do usuário no *Twitter*

Relembrando que, *mis-information* está associada às falsas informações compartilhadas, mas que não têm o objetivo de causar dano. Sendo assim, é possível concluir que elas são propagadas por pessoas com boas intenções, mas que infelizmente não há nenhum tipo de comprovação científica para confirmar a veracidade dessas informações (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017).

Em contrapartida, os veículos de imprensa se mostraram compelidos a publicar dados científicos, que comprovavam a ineficácia destes métodos no combate à COVID-19, assim como é demonstrado nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Postagem do jornal Estadão



Fonte: Jornal Estadão, página no *Twitter*

Figura 6 – Postagem do Jornal Estadão



Fonte: Jornal Estadão, página no *Twitter*

Apesar de haver semelhanças, é importante frisar que estas notícias não se encaixam no conceito de *fake news*. A razão para isto, deve-se ao fato de que estas informações estão em um contexto de conteúdo enganoso, não representando um tipo de notícia que busca difundir uma ideologia.

A questão de *mis-information* não é apenas um problema dos indivíduos "avulsos", mas também afeta o contexto organizacional. Por exemplo, Fuld (2007), autor que foca na inteligência competitiva das empresas, coloca que há casos de *mis-information* plantadas

estrategicamente, para tirar o foco da empresa que analisa o fenômeno. Ou seja, *mis-information* pode ser utilizado de forma estratégica, para confundir a concorrência e assim, buscar dificultar a entrada naquele segmento, uma espécie de "espionagem industrial".

4.2 CASOS DE *DIS-INFORMATION*

Analisando o contexto da pandemia, essa categoria de informação parece ter sido a mais presente no cotidiano da população. Considerando que, as *fake news* fazem parte deste grupo é possível afirmar que, de certa forma, elas contribuíram com o rumo de toda a conjuntura de caos e enxurrada de informação vivenciada na pandemia.

Conforme Empoli (2019, p. 15):

Por trás do aparente absurdo das fake news e das teorias da conspiração, oculta-se uma lógica bastante sólida. Do ponto de vista dos líderes populistas, as verdades alternativas não são um simples instrumento de propaganda. Contrariamente às informações verdadeiras, elas constituem um formidável vetor de coesão. “Por vários ângulos, o absurdo é uma ferramenta organizacional mais eficaz que a verdade”, escreveu o blogueiro da direita alternativa americana Mencius Moldbug. Assim, o líder de um movimento que agregue as fake news à construção de sua própria visão de mundo se destaca da manada dos comuns.

Um exemplo disto foi o que aconteceu na eleição presidencial dos Estados Unidos, em que o presidente eleito, Donald Trump, e seu assessor de campanha, Steve Bennet, foram acusados de manipulação de informações a fim de ganhar as eleições. Nesse contexto, a Cambridge Analytica, empresa de consultoria, teria obtido de forma ilegal, dados de cerca de 50 milhões de usuários do *Facebook*, com o objetivo de verificar intenções de voto para a campanha presidencial, tal fato foi considerado na época, o maior vazamento do tipo, sofrido pelo *Facebook* (GOGONI, 2018).

Partindo desse contexto, conforme O’Neil (2020, p. 116):

Uma vez que a ignorância for estabelecida, o mais importante [...] é localizar as pessoas mais vulneráveis e usar as informações privadas contra elas próprias. Isso envolve encontrar o lugar em que sofrem mais, o chamado “ponto de dor [...] Muitas pessoas, sem perceber, revelam seus pontos de dor quando fazem buscas no Google ou depois, preenchendo questionários [...]”, por exemplo.

Sendo assim, quanto mais o usuário busca por suas preferências mais ele alimenta o sistema (*machine learning*) com sua maneira de pensar, estilo de vida e preferências. E, dessa forma, será direcionado para anúncios que reforcem suas crenças, criando uma espiral de ignorância. As redes sociais então, podem não ser um meio de inclusão, mas sim, de categorização e separação em clusters de indivíduos, demonstrando que o “livre arbítrio” não é tão livre assim.

Posto isso, assim como supracitado, a princípio, as *fake news* estavam atreladas principalmente à cloroquina³ e outras medicações para combater o vírus. No entanto, até o presente momento, nenhum estudo comprovou a sua eficácia⁴. Contudo, isso não impediu que algumas pessoas manifestassem suas opiniões, afirmando que se a cloroquina e outros fármacos tivessem sido ministrados, o vírus não seria um problema.

Assim, à medida que novas notícias saíam reafirmando a ineficiência dos medicamentos citados, era possível identificar comentários contrários aos estudos divulgados (Figura 7 a 11).

³ <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/02/04/fiocruz-classifica-como-fake-news-eficacia-da-cloroquina-contracovid-19.htm>

⁴ <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/01/4980067-queiroga-diz-que-cloroquina-nao-tem-eficacia-comprovada-apos-saude-defender-remedio.html>

Figura 7 – Postagem do portal G1



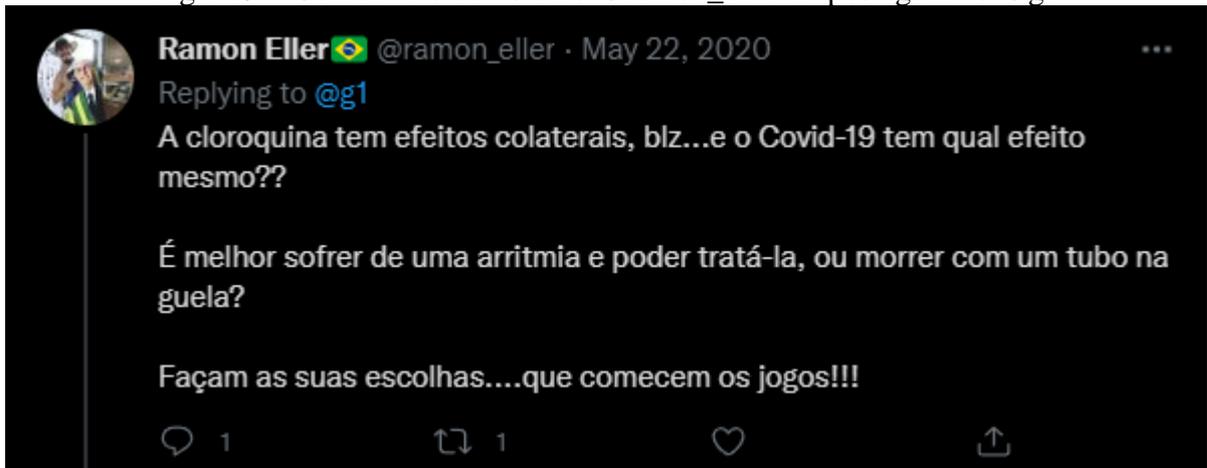
Fonte: Portal G1, página no *Twitter*

Figura 8 – Comentário do usuário @AnaM_Patriota na postagem do @g1



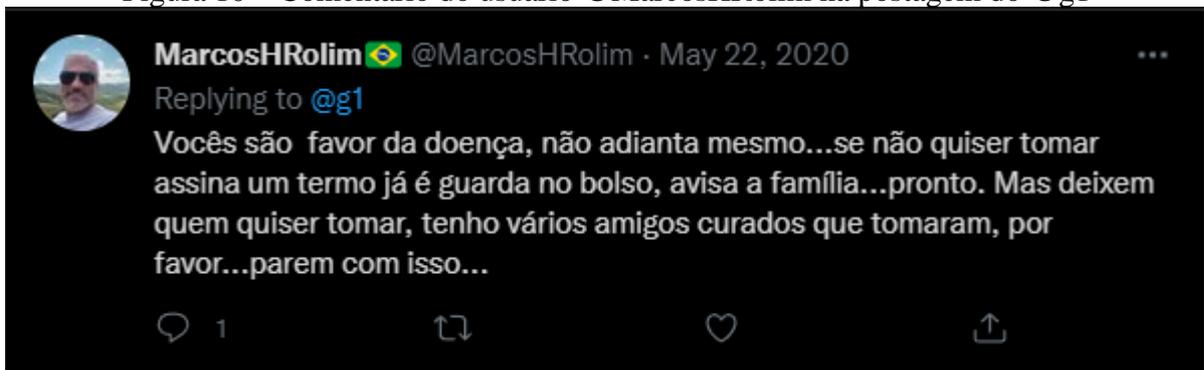
Fonte: Seção de comentários postagem do @g1, no *Twitter*

Figura 9 – Comentário do usuário @ramon_eller na postagem do @g1



Fonte: Seção de comentários postagem do @g1, no *Twitter*

Figura 10 – Comentário do usuário @MarcosHRolim na postagem do @g1



Fonte: Seção de comentários postagem do @g1, no *Twitter*

Figura 11 – Comentário do usuário @Alinesant_anna na postagem do @g1



Fonte: Seção de comentários postagem do @g1, no *Twitter*

Além de toda essa situação envolvendo medicamentos ineficientes, posteriormente, com o avanço da vacinação, muitas pessoas aderiram a movimentos “antivacina”⁵ e disseminaram informações equivocadas e sem fundamento (Figura 12 a 15).

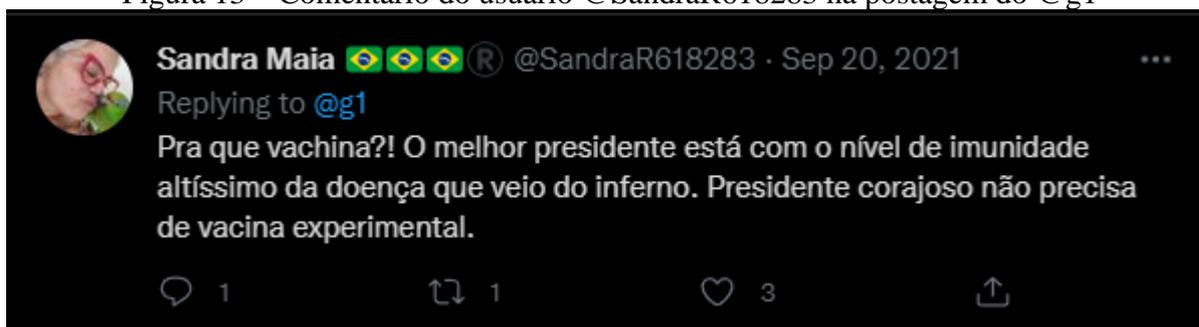
Figura 12 – Postagem do portal G1



Fonte: Portal G1, página no *Twitter*

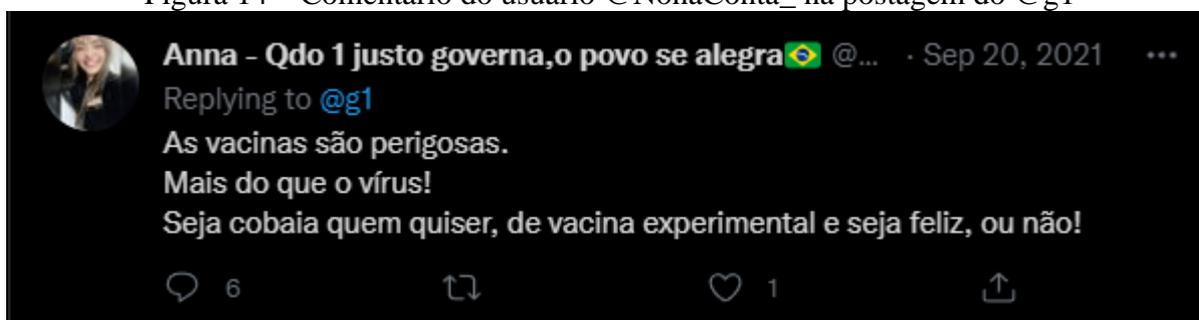
⁵ <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/deutsche-welle/2020/12/21/como-desinformacao-e-grupos-antivacina-ameacam-combate-a-covid-19-no-brasil.htm>

Figura 13 – Comentário do usuário @SandraR618283 na postagem do @g1



Fonte: Seção de comentários postagem do @g1, no *Twitter*

Figura 14 – Comentário do usuário @NonaConta_ na postagem do @g1



Fonte: Seção de comentários postagem do @g1, no *Twitter*

Figura 15 – Comentário do usuário @camargojocelyn na postagem do @g1



Fonte: Seção de comentários postagem do @g1, no *Twitter*

4.3 CASOS DE MAL-INFORMATION

Durante a pandemia da COVID-19, o discurso de ódio esteve presente nos “debates” quanto à origem do vírus e a forma para lidar com ele, mas acima de tudo, por diversas vezes o discurso de ódio foi empregado como forma de reproduzir a desinformação.

Schäfer *et al.* (2015), reitera que tais manifestações estão concentradas em estigmatizar, marcar e escolher um inimigo. Consoante a isso, para Ribeiro (2018), a linguagem do discurso de ódio não se trata de uma simples ideia que carrega ódio; na verdade ela é uma conduta violenta, que tem como objetivo submeter o outro.

Seguindo esse raciocínio, Empoli (2019, p. 52) afirma que: “A indignação, o medo, o preconceito, o insulto, a polêmica racista ou de gênero se propagam nas telas e proporcionam muito mais atenção e engajamento que os debates enfadonhos da velha política”.

No contexto da pandemia, a população chinesa em geral e os jornalistas correspondem aos grupos de pessoas que mais sofreram ataques na internet durante o período pandêmico. Nos comentários das Figuras 16 e 17 é possível perceber que a população chinesa estava sendo constantemente atacada, de forma gratuita, sob acusações infundadas e narrativas falsas, envolvendo o Coronavírus.

Figura 16 – Postagem do usuário @MichelC79610546



Fonte: Perfil do usuário no *Twitter*

Figura 17 – Postagem do usuário @BastosJusmari



Fonte: Perfil do usuário no *Twitter*

Além disso, até membros oficiais do governo chinês sofreram ataques. Na tentativa de reafirmar as relações, o agora ex-embaixador da China no Brasil, Yang Wanming⁶, fez um post no *Twitter*, afirmando que os países iriam trabalhar em conjunto para enfrentar o vírus. No entanto, os comentários em sua publicação estavam repletos de mensagens de ódio e hostilidade, afirmando que o vírus era um produto da China para devastar o planeta, além de outras teorias da conspiração (Figura 18 a 21).

⁶ <https://www.metropoles.com/colunas/igor-gadelha/apos-atritos-com-cla-bolsonaro-china-trocara-embaixador-no-brasil>

Figura 18 – Postagem do usuário @WanmingYang



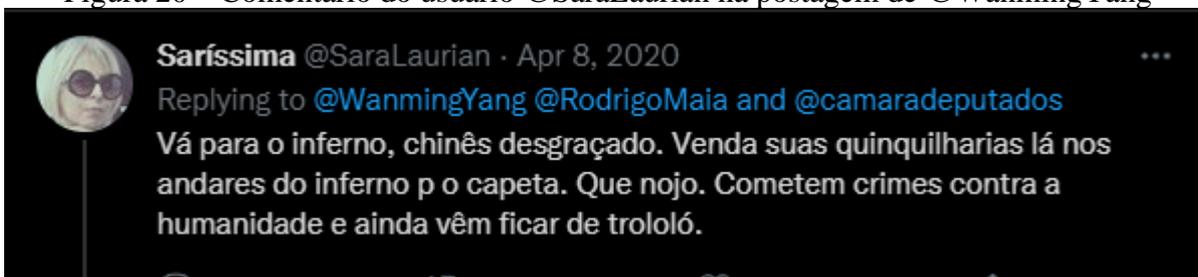
Fonte: Perfil do usuário no *Twitter*

Figura 19 – Comentário do usuário @BeatrizCamposBH na postagem de @WanmingYang



Fonte: Seção de comentários postagem de @WanmingYang, no *Twitter*

Figura 20 – Comentário do usuário @SaraLaurian na postagem de @WanmingYang



Fonte: Seção de comentários postagem de @WanmingYang, no *Twitter*

Figura 21 – Comentário do usuário @Oilensns na postagem de @WanmingYang

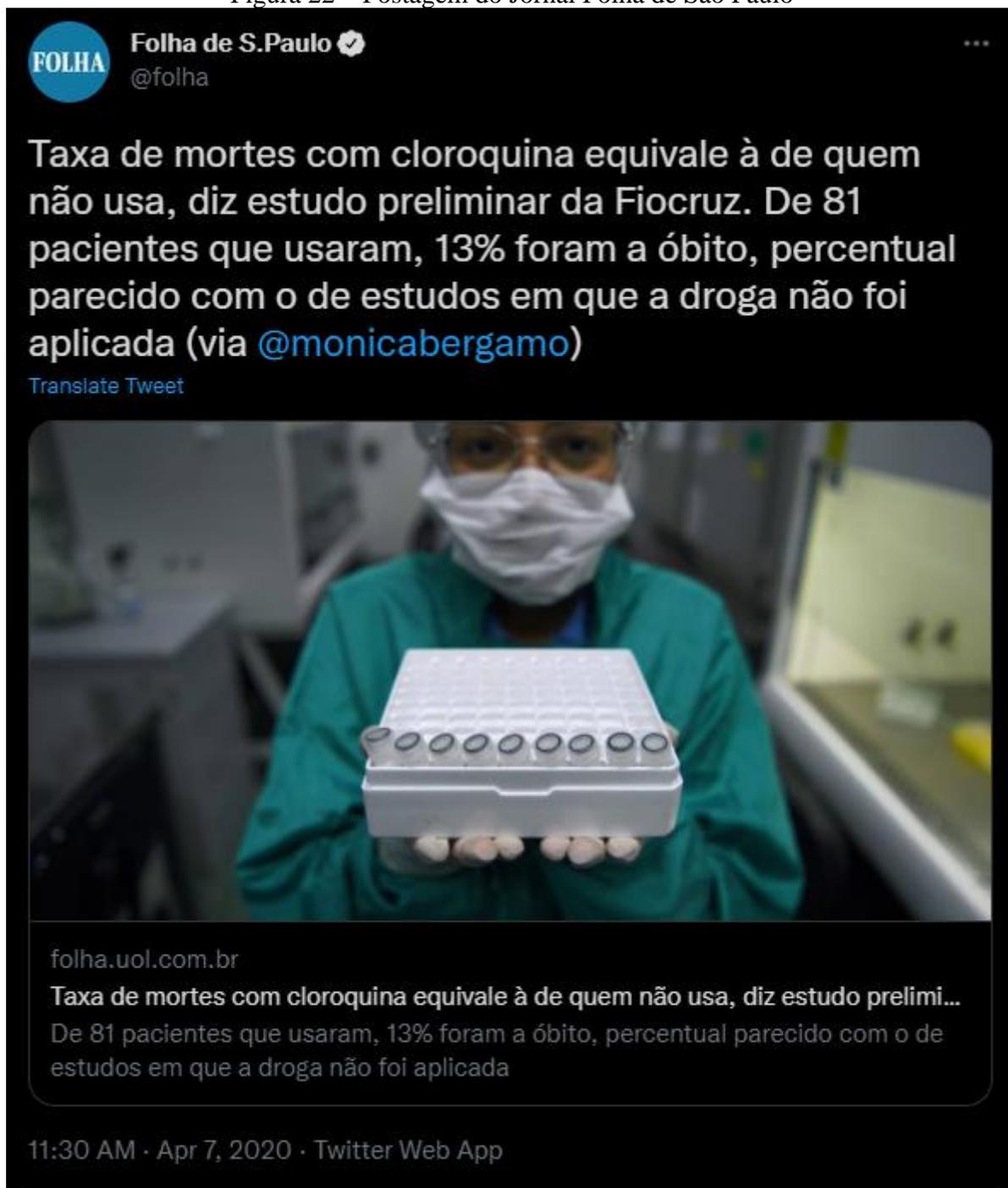


Fonte: Seção de comentários postagem de @WanmingYang, no *Twitter*

Além dos chineses, os jornalistas também foram alvo de ataques⁷, na medida que informações a respeito da COVID-19 foram sendo divulgadas. Dessa forma, conforme a imprensa desempenhava seu papel de informar a população, alguns usuários se sentiam ofendidos e despejavam grandes quantidades de insultos (Figura 22 a 25).

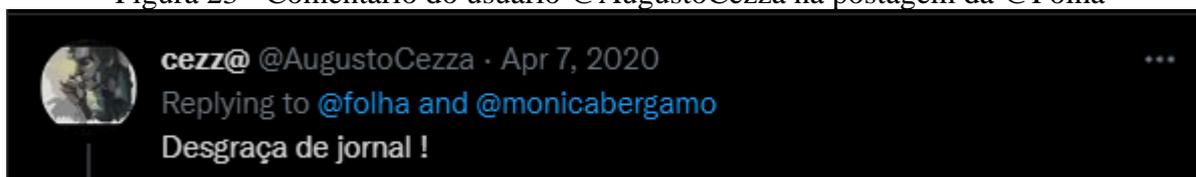
⁷ <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/jornalistas-sofreram-pelo-menos-82-ataques-durante-a-cobertura-da-pandemia/>

Figura 22 – Postagem do Jornal Folha de São Paulo



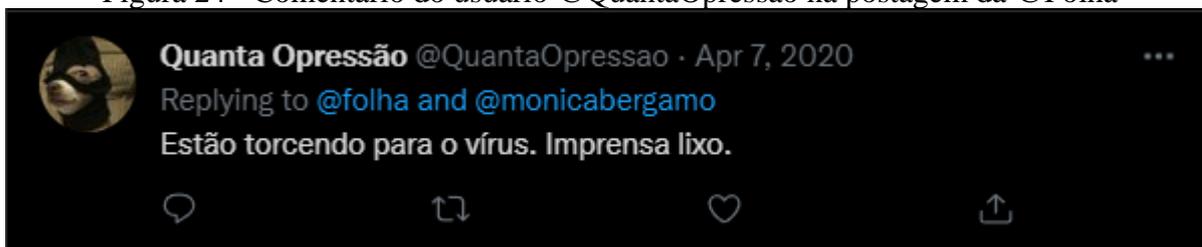
Fonte: Jornal Folha de São Paulo, página no *Twitter*

Figura 23 - Comentário do usuário @AugustoCezza na postagem da @Folha



Fonte: Seção de comentários postagem da @Folha, no *Twitter*

Figura 24 - Comentário do usuário @QuantaOpressao na postagem da @Folha



Fonte: Seção de comentários postagem da @Folha, no *Twitter*

Figura 25 - Comentário do usuário @jeffvaqueiroofc na postagem da @Folha



Fonte: Seção de comentários postagem da @Folha, no *Twitter*

Assim como fica evidenciado pelos comentários das Figuras 23 a 25, tanto o jornal, no caso a Folha de São Paulo, quanto a jornalista que escreveu a reportagem, Mônica Bergamo, foram insultados com termos chulos e tachados como “torcedores do vírus” por divulgarem a notícia que o estudo preliminar da Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz), não comprovava a eficiência da cloroquina para o tratamento da COVID-19.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentou-se, casos de discurso de ódio e *fake news* no *Twitter*, responsáveis por causar uma infodemia na plataforma durante a pandemia da COVID-19.

A infodemia em si é um fenômeno recente, ainda são necessários muitos estudos para compreender seus diferentes aspectos e impactos na sociedade como um todo. Também vale ressaltar que o alicerce para o estopim deste tsunami de informações, a COVID-19, ainda não acabou. Dessa forma, conclui-se que para compreender melhor este fenômeno, deve-se entender primeiro o contexto da pandemia causada pelo Coronavírus. Analisando por essa perspectiva, também é possível pressupor que a infodemia depende da existência de outro fenômeno para que ela ocorra, como por exemplo a atual da guerra da Ucrânia com a Rússia e as eleições presidenciais no Brasil, neste ano.

Com relação as *fake news*, embora o termo seja relativamente novo, tornou-se um fenômeno comum e fazem parte do cotidiano das pessoas. Apesar disso, é indiscutível que a população, em geral, não sabe lidar com as *fake news*. A melhor forma para superar essa barreira de informações tendenciosas é procurar por notícias em fontes de credibilidade que assumem compromisso com a transparência e a responsabilidade. No entanto, deve-se entender que, enquanto houver pessoas que se fecham dentro de sua “bolha” e não fazem questão de buscar a verdade, sempre haverá *fake news*.

Considerando o Brasil, em específico, o país tem sido um grande criador e disseminador mundial de *fake news*. Muito desta conduta se deve pela forma de administrar dos líderes de Estado, que queriam ter mais razão do que os próprios cientistas. Essa maneira de conduzir a pandemia por parte de tais líderes, acarretou uma produção em massa de *fake news*, agravando ainda mais a situação sanitária do país, contribuindo com a criação de movimentos negacionistas e, polarizando a população em extremos.

Além de dificultar o combate à COVID-19, a desinformação também ressoou como discurso de ódio na internet. Essa problemática voltou a ganhar os holofotes devido a quantidade massiva de mensagens repletas de ódio, que apenas trouxe mais caos para a sociedade. Observando o comportamento dos usuários que propagam tais manifestações, é possível perceber um padrão completamente agressivo, que trata como inimigos os indivíduos com diferentes visões de mundo. Analisar tais atitudes, nos leva a reflexão de que as pessoas preferem atribuir ofensas gratuitas do que apresentar argumentos que defendam a sua cosmovisão.

Além disso, através deste trabalho, percebeu-se que o discurso de ódio muitas vezes se camufla atrás deboches, sarcasmo, outras formas de ironia e principalmente a intolerância.

Como sugestão para trabalhos futuros, pode-se levantar quais são as melhores medidas educativas para lidar com as *fake news* e, as consequências do discurso ódio em si durante o período pandêmico, tendo não apenas uma plataforma como referência, mas tentando analisar o ambiente da internet como um todo e as repercussões que este conteúdo teve no mundo real.

REFERÊNCIAS

- Acordei com meu Pai falando que Chá de Boldo cura Corona Vírus. [Palmas], 16 maio 2020. Twitter: @Jess_evann. Disponível em: https://twitter.com/Jess_evann/status/1261615193836204035 Acesso em: 20 fev. 2022.
- BAGGS, Michael. Discurso de ódio na internet aumentou durante a pandemia, aponta pesquisa. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59300051> Acesso em: 14 dez. 2021.
- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**, [online], v. 16, n. 1 p. 35-44, 26 Jul 2012. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NbpMpgSfMS3xnpddKdzCphp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30 jan. 2022.
- BATISTA, Rafael. Fake news. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm> Acesso em: 08 nov. 2021.
- BEÇAK, Rubens; GUARATY, Kaleo Dornaika; BARROSO FILHO, José. O DISCURSO DE ÓDIO EM TEMPOS DE COVID-19. **Revista Jurídica**, Curitiba, v. 2, n. 64, p. 670 - 691, 2021. ISSN 2316-753X. Disponível em: http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/5205/pdf_2 Acesso em: 15 dez. 2021.
- BOLESINA, Iuri; GERVASONI, Tássia Aparecida. “Seres nada-fantásticos e onde habitam”: a desinformação sobre o coronavírus e a COVID-19 propagada por trolls, fakers, haters e bullies e a configuração de abuso de direito. **Revista IBERC**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 37-60, 3 jul. 2020. Acesso em: <https://revistaiberc.emnuvens.com.br/iberc/article/view/115/86> Acesso em: 25 jan. 2022.
- BOLSONARO e seguidores insistem em tratamento com cloroquina, ineficaz contra a Covid. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/06/12/bolsonaro-e-seguidores-insistem-em-tratamento-com-cloroquina-ineficaz-contr-a-covid.ghtml> Acesso em: 01 dez. 2021.
- Bolsonaro é único dos representantes do G20 sem vacina na Assembleia Geral da ONU <https://glo.bo/3hQ0aZB> #G1 #ONU #vacina #Bolsonaro. [Brasil], 20 set. 2021. Disponível em: <https://twitter.com/g1/status/1439990235647995906> Acesso em: 24 fev. 2022.
- BRANDÃO, C. W. G. S.; CRUZ, D. A. C. S.; ROCHA, T. B. Fake news em tempos de COVID-19: discursos de ódio nas redes sociais como ressonância da desinformação. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, n. 2, v. 6, p. 303-327. 2020. ISSN 2359-6856. DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2020.51910> Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/51910/35776> Acesso em: 04 dez. 2021.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 06 dez. 2021.
- BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. **Código Civil**. Brasília. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10718722/artigo-187-da-lei-n-10406-de-10-de-janeiro-de-2002> Acesso em: 31 jan. 2022.

CARDIM, Maria Eduarda. Queiroga diz que cloroquina não tem eficácia comprovada após Saúde defender remédio. **Correio Braziliense**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/01/4980067-queiroga-diz-que-cloroquina-nao-tem-eficacia-comprovada-apos-saude-defender-remedio.html> Acesso em: 17 mar. 2022.

CORONAVIRUS World Map: Tracking the Global Outbreak. **The New York Times**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2021/world/covid-cases.html> Acesso em: 17 mar. 2022.

DESCUBRA o que é clickbait e por que você não deve usá-lo na sua estratégia. **Rocket Content**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/clickbait/> Acesso em: 20 nov. 2021.

DISCURSO de ódio contra China cresce de forma alarmante no Twitter por coronavírus. **Estado de Minas**. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/27/interna_internacional,1133245/discurso-de-odio-contra-china-cresce-de-forma-alarmante-no-twitter-por.shtml Acesso em 15 dez. 2021.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Tradução Arnaldo Bloch. 1 ed. São Paulo: Vestígio, 2019. Disponível em: <https://outroladodanoticia.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Os-Engenheiros-do-Caos-Giuliano-da-Empoli.pdf> Acesso em: 18 mar. 2018.

Este País deve ser punido pelas Atitudes ! Omite o #VirusChines e ainda quer calar quem falar onde ele nasceu .. #ChinaVirus #ChinaGenocidaCriminosa. [Belo Horizonte], 28 dez. 2020. Twitter: @BastosJusmari. Disponível em: <https://twitter.com/BastosJusmari/status/1343666722327449600> Acesso em: 13 fev. 2022.

É falso que chá de boldo cure sintomas causados pelo novo coronavírus:. [São Paulo], 6 jun. 2020. Twitter: @Estadao. Disponível em: <https://twitter.com/Estadao/status/1269377272198377478> Acesso em: 14 fev. 2022.

FACEBOOK tira do ar live de Bolsonaro com mentira sobre vacina da Covid e Aids. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/25/live-bolsonaro.ghtml> Acesso em: 08 nov. 2021.

FIOCRUZ classifica como fake news ‘eficácia’ da cloroquina contra covid-19. **VivaBem**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/02/04/fiocruz-classifica-como-fake-news-eficacia-da-cloroquina-contra-covid-19.htm> Acesso em: 17 mar. 2022

FULD, L. (2007). **Inteligência Competitiva**: Como se Manter à frente dos movimentos da Concorrência e do Mercado. Rio de Janeiro: Elsevier.

FRIAS, Otavio Filho. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 39-44. 2018 Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/4-Otavio-Frias.pdf> Acesso em: 02 dez. 2021.

GADELHA, Igor; COSTA, Mariana. Após atritos com clã Bolsonaro, China trocará embaixador no Brasil. **Metrópoles**. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/colunas/igor-gadelha/apos-atritos-com-cla-bolsonaro-china-trocara-embaixador-no-brasil> Acesso em: 17 mar. 2022.

GARRETT, Felipe. O que é bot? Conheça os robôs que estão ‘dominando’ a internet. **TechTudo**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghml> Acesso em: 12 nov. 2021

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf Acesso em: 28 fev. 2022

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOGONI, Ronaldo. O maior roubo de dados da história do Facebook que ajudou a eleger Donald Trump. **Meio bit** (Fontes: The Guardian e The New York Times). Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/381701/facebook-cambridge-analytica-roubo-dados-ajudou-campanha-donald-trump-e-brexit/> Acesso em mar. 2022.

ITAGIBA, Gabriel. **Fake news e Internet**: esquemas, bots e a disputa pela atenção. Disponível em: https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/04/v2_fake-news-e-internet-bots.pdf Acesso em: 17 nov. 2021.

LOUREIRO, Gabriela. Quem são os trolls – e por que ninguém está livre deles. **Galileu**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/02/quem-sao-os-trolls-e-por-que-ninguem-esta-livre-deles.html> Acesso em: 26 jan. 2022.

MALTA, Deborah Carvalho; *et al.* Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência e Saúde Coletiva*, [online], v. 15, supl. 2, p. 3065-3076. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2010.v15suppl2/3065-3076> Acesso em: 30 jan. 2022.

MARQUES, Ronualdo; RAIMUNDO, Jerry Adriano. O NEGACIONISMO CIENTÍFICO REFLETIDO NA PANDEMIA DA COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 7, n. 20, p. 67–78, 2021. ISSN 2675-1488. DOI: 10.5281/zenodo.5148526. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/410> Acesso em: 26 nov. 2021.

Minha vó falando q chá de boldo mata o corona kkkkkkkk. [Paraná], 31 maio 2020. Twitter: @Peddrogg. Disponível em: <https://twitter.com/Peddrogg/status/1267126911593066500> Acesso em: 14 fev. 2022.

Na conversa telefônica com @RodrigoMaia, Pres. @camaradeputados, lhe transmiti os cumprimentos dos líderes chineses. Os dois lados Salientamos a importância das relações bilaterais bem como a necessidade e a relevância da cooperação bilateral no enfrentamento á pandemia Covid-19. [S.l.], 8 abr. 2020. Twitter: @WanmingYang. Disponível em: <https://twitter.com/WanmingYang/status/1248021693886537728> Acesso em: 13 fev. 2022.

Nunca esqueçam o que a China fez com o Mundo, com esse #VirusChinês. [S.l.] 30 dez. 2020. Twitter: @MichelC79610546. Disponível em: <https://twitter.com/MichelC79610546/status/1344241714274463745> Acesso em: 13 fev. 2022.

NETTO, Letícia Rodrigues Ferreira. Discurso de ódio. **Infoescola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/discurso-de-odio/> Acesso em: 05 dez. 2021.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. [S.l], 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16 Acesso em: 14 dez. 2021.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmo de destruição em massa**: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Tradução Rafael Abraham. 1. ed. Santo André: Rua do Sabão, 2020.

PONTES, Nádia. Como desinformação e grupos antivacina ameaçam combate à COVID-19 no Brasil. **VivBem**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/deutsche-welle/2020/12/21/como-desinformacao-e-grupos-antivacina-ameacam-combate-a-covid-19-no-brasil.htm> Acesso em: 17 mar. 2022.

PRONADOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo/RS: Universidade Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/291348/mod_resource/content/3/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf Acesso em: 28 fev. 2022.

RATHSAM, Luciana. Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância. **Cultura e Sociedade**. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia> Acesso em 11 nov. 2021.

Receita caseira com jambu, alho e limão não cura a covid-19 (via @estadaoverifica). [São Paulo], 6 jun. 2020. Twitter: @Estadao. Disponível em: <https://twitter.com/estadao/status/1253183064441630721> 14 fev. 2022.

RIBEIRO, D. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?**. São Paulo: Cia das Letras, 2018. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/4069/material/Quem%20Tem%20Medo%20do%20Feminismo%20Negro%20-%20Djamila%20Ribeiro.pdf> Acesso em: 17 mar. 2022.

ROCHA, Telma Brito. **Scr@ps de ódio no Orkut**: cyberbullying, contextos e ressonâncias da violência virtual que atinge o professor. 2010. 211 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10954/1/Telma%20Brito%20Rocha.pdf> Acesso em: 14 dez. 2021.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; SANTOS, Rodrigo Hamilton dos. Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. **Revista de informação legislativa: RIL**, v. 52, n. 207, p. 143-158, jul./set. 2015. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril_v52_n207_p143.pdf Acesso em: 06 dez. 2021.

SENA, Marília. Jornalistas sofreram pelo menos 82 ataques durante a cobertura da pandemia. **Congresso em Foco**. Disponível em:

<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/jornalistas-sofreram-pelo-menos-82-ataques-durante-a-cobertura-da-pandemia/> Acesso em: 17 mar. 2022.

SILVA, Pietra Vaz Diógenes da. Pandemia e infodemia nas mídias: análise da desordem informacional no Twitter. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 148 - 159, dez. 2020. ISSN 2237-826X. DOI:

<http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.76506>. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/76506> Acesso em: 16 dez. 2021.

Taxa de mortes com cloroquina equivale à de quem não usa, diz estudo preliminar da Fiocruz. De 81 pacientes que usaram, 13% foram a óbito, percentual parecido com o de estudos em que a droga não foi aplicada (via @monicabergamo). [São Paulo], 7 abr. 2020. Twitter: @folha. Disponível em: <https://twitter.com/folha/status/1247532179413823493> Acesso em: 22 fev. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

TWITTER apaga publicações de Jair Bolsonaro por violarem regras da rede. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/29/twitter-apaga-publicacoes-de-jair-bolsonaro-por-violarem-regras-da-rede.ghtml> Acesso em: 24 nov. 2021.

Twitter. **Sobre**. Disponível em: <https://about.twitter.com/pt> Acesso em: 04 fev. 2022.

Twitter. **Termos de Serviço do Twitter**. Disponível em: <https://twitter.com/pt/tos> Acesso em: 08 fev. 2022.

UMA atualização sobre denúncias de potencial desinformação no Twitter. **Twitter**. Disponível em: https://blog.twitter.com/pt_br/topics/company/2022/uma-atualizacao-sobre-denuncias-de-potencial-desinformacao-no-tw Acesso em: 12 fev. 2022.

VALENTE, Susana. Na Antiga Roma já havia “fake news” (e algumas resistiram até hoje). **ZAP.aeiou**. Disponível em: <https://zap.aeiou.pt/antiga-roma-havia-fake-news-260945> Acesso em: 25 nov. 2021.

VIEIRA, Margarete P. *et al.* **O clickbait no ciberjornalismo português e brasileiro: o caso brasileiro**. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/130301/2/430818.pdf> Acesso em: 22 nov. 2021.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. 2017. 107 p. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c> Acesso em: 22 jan. 2022.

#Cloroquina - Estudo com 96 mil pacientes não encontra benefício de uso de medicamento contra Covid-19 e detecta risco de arritmia cardíaca <https://glo.bo/2Xo08gj> #G1. [Brasil], 22 maio 2020. Twitter: @g1. Disponível em: <https://twitter.com/g1/status/1263829438623596544> Acesso em: 24 fev. 2022.